



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Perambulação como presença insurgente nos filmes de Adirley Queirós: estética e política entre Ceilândia e Brasília

Autoria: João Paulo de Freitas Campos (USP - Universidade de São Paulo)

Esta comunicação apresenta um experimento de pensamento sobre a reconstrução fabulatória de cidades do Distrito Federal (em especial Ceilândia e Brasília) em cinco filmes de Adirley Queirós. Nesta reflexão, pretendemos praticar uma abordagem que notabiliza, simultaneamente, as características formais das obras e a tematização ou crítica da vida social que estas apresentam. Inspirados nos works de críticos e críticas de arte como Ismail Xavier, Walter Benjamin e Susan Sontag, procuramos descrever os recursos expressivos agenciados pelos artistas a fim de compreender as formas produzidas nas obras para pensar o mundo sócio-histórico. Nessa empreitada, realizaremos uma alquimia teórico-metodológica misturando ideias da antropologia da performance, antropologia visual, antropologia urbana, crítica de arte e teoria crítica a fim de investigar a intersecção entre estética e política no contexto do cinema brasileiro contemporâneo. Nosso corpus analítico é formado pelos filmes: Rap: o canto da Ceilândia (2005); Dias de greve (2009); A cidade é uma só? (2011); Branco sai preto fica (2014); e Era uma vez Brasília (2017). Partimos da hipótese de que estas obras apresentam um pensamento cinematográfico sobre as cesuras de Brasília e o movimento de sujeitos subalternizados entre a cidade-monumento e sua extensa periferia. Estes filmes combinam registros documentários, alegorias históricas e especulações típicas de gêneros cinematográficos como a ficção científica, o filme policial e o faroeste para pensar as paisagens desiguais do Distrito Federal, os silenciamentos históricos produzidos pelas narrativas históricas oficiais e o movimento de sujeitos subalternizados entre o Plano Piloto e seu entorno. Ceilândia se torna uma usina de formas que pensam e questionam as narrativas do progresso da modernidade, afirmando a periferia como uma presença insurgente através da perambulação de seus personagens pelo espaço urbano - deste movimento emergem aparições capazes de notabilizar assimetrias sociais espacializadas entre a cidade radiosa e as cidades-



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

satélites.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: